



Fev. 56 (discurso do Algarve)  
Festa de S. Pedro Pio XII

## O PAPA E OS CRISTÃOS

A pessoa do Papa toca profundamente no Mistério da Igreja, na essência da vida cristã. Andam gastas em nossos dias certas expressões que a mediocridade e a ignorância democratizaram e que quase totalmente perverteram. Fala-se de civilização cristã, de cultura cristã, de testemunho cristão. E que há no fundo de todos esses conceitos? Muitas vezes a mentira, a violência, a entrega total às coisas do mundo, às solicitações do orgulho e dos sentidos nas suas formas mais sub-tis. A muitos dos cristãos, o próprio Cristo condenou quando disse dos fariseus: "Não imiteis as suas acções, porque dizem e não fazem. Atam cargas pesadas e impossíveis de levar, e as põem sobre os ombros dos outros homens, mas nem com um dedo as querem mover. E fazem todas as suas obras para serem vistos pelos homens; E gostam de ter nos banquetes os primeiros lugares e nos templos as primeiras cadeiras, e as saudações na praça, e serem chamados mestres pelos homens".

Que perderam então esses cristãos hipócritas, "que por fora parecem justos aos homens, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e iniquidade"? Que lhes falta? Que erro é o seu? Que há de humanamente incompleto e errado no fariseu que ora no templo, satisfeito de si, e também naquele jovem rico, justo e bom, que partiu triste?

Não é difícil a resposta. Vivemos a certeza de Deus transcendente, Mestre e Senhor e Juiz, de Quem S. João diz no Apocalipse: "Eis que Ele vem sobre as nuvens, e todos os olhos O verão, e mesmo aqueles que O negaram. E baterão no peito todas as tribus da terra. Assim se cumprirá. Eu sou o  $\alpha$  e o  $\omega$ , o princípio e o fim, diz o Senhor Deus, que é, e que era, e que há-de vir, o Todo-poderoso." Mas vivemos, pela boca do mesmo Apóstolo, a certeza do Deus de Amor: "Deus caritas est". Deus é amor em perpétuo acto de criação. Amor do Pai e do Filho, que não é uma troca de actos de fé mas um amor vivo de dois seres vivos. E esse amor é o Espírito Santo. E esse amor não fica encerrado na Santíssima Trindade, espalha-se na Criação: "Por Ele tudo foi feito e sem Ele nada foi feito". O Apóstolo concretiza melhor como se reflecte o amor de Deus na vida dos homens: "Todo o que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama, não conhece a Deus; porque Deus é caridade. Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco, em que Deus enviou o Seu Filho Unigénito ao mundo, para que por Ele tenhamos a vida da Graça. A caridade consiste nisto: em não termos sido nós os que amamos a Deus, mas em que Ele foi o primeiro que nos amou a nós, e enviou o Seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados". A vida cristã não é outra coisa senão a participação neste amor total, profundo, infinito.





A vocação de Pedro insere-se, como não podia deixar de ser, nesta perspectiva global da vida cristã. "Simão, filho de João, tu amas-me? Então apascenta as minhas ovelhas". Três vezes é feita a mesma pergunta e três vezes o mesmo mandato é formulado. Aí começa, na simplicidade do diálogo entre Mestre e discípulo, a missão do Vigário de Cristo na terra. Mas não é por uma escolha arbitrária que Pedro é o chefe. "Pedro, tu amas-me mais do que estes?". É o amor o vínculo que determina, de certo modo, a escolha. Aquele que confessa o amor repetidas vezes e humildemente, aquele que ama mais do que os outros, esse é investido numa dignidade maior e numa responsabilidade sem limites. Sobre ele pesa o drama da humanidade inteira que procura, que tateia, que se deixa seduzir pelo poder e pela riqueza, que vive na angústia, que sofre, que se perde e que se salva. Nada distinguia Pedro dos outros a não ser o amor. Parece-me, pois, que a vocação do Pontífice é, antes de tudo e na ordem pessoal, uma vocação ao amor - alguém que Deus escolheu entre os homens para com ele fazer uma aliança de paz. E é de tal modo profunda e grande essa aliança que nela radica o próprio Mistério da Igreja, una e santa. Daí a importância que reveste para a Igreja a pessoa do Papa. Evidentemente, todos os sucessores de Pedro têm, em matéria de Fé e de Moral, toda a autoridade infalível que lhes vem do próprio Cristo. Mas, se atentarmos na história da Igreja, encontramos alguns Papas que viveram bem mais preocupados com as vaidades deste mundo do que com a casa de Deus. Não sofreu a Igreja na verdade da doutrina, independente do homem que a transmite, mas sofreu por certo de outro modo na própria deturpação da missão pontifical, essencialmente missão de amor. Com efeito esses Papas que nos parecem bem longe da santidade (que não é outra coisa senão a vocação ao amor) raramente desenvolveram uma acção muito intensa. Mostrava-lhes por certo a consciência o vazio de uma vida pontifical que era incoerente desde a base. A comunidade cristã ficou então diminuída em verdade e em vida - doutrina que não foi actualizada e explicitada para as necessidades da época, santidade cujo caminho não se encontrou.

Para corresponder totalmente à sua vocação pessoal, o Pontífice tem de viver em santidade. Quando a Igreja tem um Papa santo, não pode deixar de dar graças a Deus e não pode deixar de Lhe pedir que o guarde muitos anos na chefia do rebanho. É essa a razão fundamental por que se celebra de forma tão solene o aniversário do Santo Padre Pio XII. É que os cristãos têm a consciência de terem nele um símbolo de santidade, garantia dum apostolado fecundo e de bênçãos sem fim para todos os homens.

É por sentir todo o peso e a repercussão infinita desse apelo especialíssimo à santidade que é o Pontificado, que em cada dia e em cada Missa a Igreja reza pelo Santo Padre. Para que o Senhor Lhe dê luz, sabedoria, correspondência total à Graça, a fim de que nele e por ele se cumpram todas as coisas que o Senhor quer. Por isso rezar pelo Papa é rezar pela Igreja



universal, é ter na alma as falhas, as necessidades de todos os homens. E por isso a oração pelo Papa é um dever dos cristãos. Com o Papa, a Igreja será mais santa, mais católica, mais apostólica. É-o por definição e por exigência intrínseca. Mas pode evoluir até ao infinito. E o Papa é, mais do que qualquer cristão, o elemento decisivo dessa evolução.

Importa ver de que modo no plano divino o Papa realiza a missão que lhe cabe. No Papa ganha pleno sentido toda a vida da Igreja. Como se definiram ao longo da história as linhas-mestras da Igreja? O Antigo Testamento é já fértil em algumas sugestões. Na verdade ele não faz mais do que figurar a grande aventura da Cruz, a história dos judeus, a história de cada homem. A primeira figura que adquire um forte significado social entre o povo hebreu é Moisés. Surge no meio duma multidão fraca, quase idólatra, como o chefe que conduz, esclarece, guia, como o que zela pelas coisas de Deus, impedindo que transgridam a Lei. Ele é a grande figura do Mediador - colocado entre Deus e os homens, fala de Deus aos homens e dos homens a Deus. Depois dele, diversifica-se a autoridade em três aspectos diferentes: a função de realeza, a função sacerdotal e a função profética. Saul e David dão-nos as duas mais belas expressões dessa função real tal como é concebida no Antigo Testamento. Enquanto o rei é para os judeus a primeira figura da nação, na qual repousa toda a autoridade civil, o sacerdote é a figura intangível da comunidade religiosa. Enquanto o rei é o símbolo da autoridade de Deus, o sacerdote é o símbolo da sua santidade. (Para os judeus esta santidade representa transcendência e grandeza inacessível) Os sacerdotes ensinam o povo a distinguir entre o santo e o profano, mas a sua função mediadora é puramente ritual. Multiplicam os sacrifícios na procura dum sacrifício perfeito.

Estas duas funções, realeza e sacerdotal, são funções permanentes, institucionais. Têm entre o povo hebreu um profundíssimo significado: a função real dá-lhe leis, governo, consciência comunitária; a função sacerdotal dá-lhe a possibilidade de santificar toda a sua vida pela mediação do sacerdote.

São confiadas a famílias ou tribus bem definidas; determinadas por via dos homens. E é no seio duma sociedade em que as funções de mais relevo estão profundamente institucionalizadas que irrompem a espaços os profetas. A sua missão é temporária. Surgem como espelhos da Verdade, condenando o erro, restabelecendo a pureza do culto, e os limites do poder. O profeta não é essencialmente o homem que prediz o futuro, mas sim o homem que fala em nome de Deus ou através de quem Deus fala. É portanto um escolhido de Deus. O rei e o sacerdote são ungi-dos pelos homens; o profeta é-o por apelo directo de Deus. Mas o carácter único e isolado da sua missão exige-lhe, por isso, uma excepcional fortaleza de alma: "Mas eu estou cheio da força do Espírito e de rectidão e de coragem para denunciar a Israel o seu pecado." (Miq., 3-8). Essa fortaleza só lha dá





a oração. Almas excepcionais, com elas Deus deu uma alma ao povo judeu.

Com Cristo estabelece-se uma ordem nova. Cristo herda estas três funções, mas transcende-as porque é o Filho de Deus feito homem. Ele próprio Se define como Rei : "O Meu reino não é deste mundo. Pilatos então diz-lhe : Tu és então Rei ? Jesus respondeu-lhe : Tu o dizes, Eu sou Rei." (João, 18, 36-37). É fácil ver n'Ele o profeta. A multidão reconhece-O como tal (João, 6, 14) : "Vendo aqueles homens o milagre que Jesus fizera, diziam : Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo." Vem dizer-nos qualquer coisa da parte de Deus. Traz uma mensagem de Deus. E o sacerdote ? Embora os Evangelhos nunca lhe dêem esse título, Ele define-Se como maior do que o templo. Toda a sua vida foi a realização de um sacerdócio em que a Vítima foi Ele próprio. Porque Ele inaugurou o único e perfeito sacrifício. Se todo o sacrifício é um sinal, este é o grande sinal da oferta interior de Jesus Cristo, da sua obediência ao Pai, do seu amor de Filho.

Estas três funções confia-as Jesus Cristo à Igreja : Ela tem o poder de santificar, pela celebração do Sacrifício ; tem o poder de falar em nome de Deus ; tem o poder de governar o povo de Deus. Ministério, magistério e governo, para usarmos a terminologia clássica, são os poderes que cabem à sociedade simultaneamente divina e humana que é a Igreja. Como se distribuem na Igreja estes poderes ? Confiou-os Jesus Cristo aos Apóstolos, a quem dirigiu (e aos seus legítimos sucessores) as palavras conhecidas : "Ide pelo mundo inteiro, pregai o Evangelho a todas as criaturas." "Baptizai os homens em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". "Fazei isto em memória de Mim". "Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados". Isto significa que todos os Bispos, que são os sucessores dos Apóstolos por direito divino, participam destes poderes. E de tal modo que, como ensina Leão XIII na Encíclica "Satis Cognitum", a ordem episcopal faz necessariamente parte da constituição íntima da Igreja. Os Bispos possuem uma autoridade que lhes é própria e usam em toda a verdade o nome de prelados ordinários dos povos que governam. São vigários de Cristo, embora o exercício desse poder só seja legítimo dentro do Colégio Apostólico. É Cristo quem governa, ensina e santifica por eles.

Mas a Pedro conferiu o Senhor um mandato especial. Foi a ele e a mais nenhum outro que Cristo disse : "E Eu digo-te que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do Inferno não prevalecerão contra Ela. E Eu te darei as chaves do reino dos céus ; e tudo o que ligares na terra será ligado também nos céus ; e tudo o que desatares sobre a terra será desatado também nos céus". Digo-te que és Pedro - há uma formulação expressa dum mandato específico conferido a um só. Pedro recebeu poderes que revestem uma forma diferente dos poderes recebidos pelo Conjunto dos Apóstolos. Ainda citando Leão XIII, "nada foi conferido aos Apóstolos independentemente de Pedro ; ao passo que várias coisas foram conferidas a Pedro





isolada~~mente~~ e independentemente dos Apóstolos".

Ele foi designado como base da Igreja ; a ele foi dado o poder de ligar, isto é, de fazer leis e de julgar, a ele foi dado o poder de apascentar o rebanho. Aquilo que os Apóstolos receberam em funções e autoridade, receberam-no com Pedro. Isto significa que os Bispos têm funções de governo enquanto unidos com o Papa. (É evidente que o poder de ordem ou de santificação se mantém, desde que não haja modificação radical do que Jesus Cristo instituiu. É o caso dos Bispos cismáticos, que consagram e ordenam válidamente (embora ilícitamente) se seguirem todas as fórmulas da Igreja e tiverem a intenção de consagrar e de ordenar).

O poder primacial do Sumo Pontífice é universal, ordinário, imediato, verdadeiramente episcopal, supremo e pleno, e não há na terra juízo superior ao dele. Isto é : estende-se a todos, fiéis e pastores, individual ou colectivamente, e a todos os assuntos eclesiásticos ; pode exercer-se sobre qualquer pessoa ou coisa sem necessidade de intermediários ; é verdadeiramente pastoral, pode ser realizado em toda e qualquer diocese e relativamente a todos os fiéis. (O Papa é o Bispo da Igreja Universal). O seu poder não está dependente de qualquer outro poder. Embora em si não seja diferente do dos outros Bispos, é-o no modo como é possuído, na relação em que se possui. Uns têm-no em dependência doutrem, e o Papa possui-o em completa independência.

É portanto de chefia e absolutamente à parte o lugar que cabe a Pedro na Igreja.

Se se desfaz o laço entre o Papa e os Bispos, os cristãos passam a formar-seiitas e a comprometer radicalmente o desejo de Cristo de que todos pertençam ao mesmo rebanho. A necessidade de união a Pedro faz-nos compreender melhor a sua missão no seio da Igreja. Se era de amor a sua vocação pessoal, é de unificação a sua vocação como chefe duma comunidade de homens.

O Papa é na Igreja o princípio de unidade. "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja". No texto original figura uma palavra que significa, não pedra exactamente, mas rochedo, portanto qualquer coisa de sólido, firme, essencial. Ele é também e por assimilação a pedra angular da unidade da Igreja. A missão dos Apóstolos só é integralmente realizada quando é vivida em profunda união com Pedro. E se isto é verdade para os Bispos, é-o com maioria de razão para todos os cristãos. A nossa vida apostólica só assume proporções católicas, isto é, universais, quando profundamente solidarizada com o Papa, quando inteiramente unida às intenções do Papa. E as intenções dele são as da paz entre todos os homens, de todas as raças, de todas as classes. É por isso que num momento como a época presente, em que o Santo Padre sente em si a angústia dos milhares que sofrem perseguição porque são verdadeiros, dos que morrem de fome porque outros abundam no supérfluo, dos que pecam e se perdem porque todos somos egoístas e medíocres - é por isso que nesta época, mais do que em qualquer outra, um cristianismo fechado nos muros tranqui-





los mas estreitos duma família ou duma cidade ou duma confraria ou duma nação não é cristianismo autêntico. Falta-lhe a dimensão universal, tao larga como o mundo. Falta-lhe viver ao ritmo dum coração que sinta as dores, as misérias, e as glórias duma humanidade que é de pobres e de ricos, perseguidos e perseguidores, sábios e ignorantes, burgueses e poetas.



Esta vocação de unificador da Igreja realiza-a o Papa com uma ressonância humana profundíssima. A Pedro pede Cristo que apascente as suas ovelhas. E a parábola do Bom Pastor dá a este pedido uma concretização clara e imediata : "Eu sou o Bom Pastor e conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas". "Tenho também outras ovelhas que não são deste aprisco, e importa que Eu as traga, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor". Dois destes pontos me parecem fundamentais e quero analisar na vida do actual Pontífice.

O 1º - "conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me". É de facto surpreendente o conhecimento que Pio XII tem das necessidades de todos os cristãos. Indivíduos, instituições, classes ou grupos, todos merecem a atenção cuidada do Pastor. Para todos se dirige a sua inteligência extraordinária e o seu imenso amor das almas. Não admira por isso que os discursos de Pio XII se sucedam, dirigidos às preocupações mais dispares, às instituições mais diversas. Atento às necessidades dum mundo em convulsão, o Santo Padre conhece realmente as suas ovelhas. Para cada um diz a palavra justa e oportuna, numa actualização impressionante da doutrina da Igreja em todos os domínios do pensamento e da actividade dos homens (Isto não significa, como é óbvio, que o Papa diga coisas novas, neste sentido de que invente ideias que não constam do património religioso da Igreja ; mas que diz as verdades antigas na linguagem do nosso tempo e que explicita os elementos que contêm e que permitem a resolução cristã e portanto humana dos problemas do homem e da sociedade). Se tivermos o cuidado de seguir o trabalho do Santo Padre, ficamos perplexos perante a imensidade de orientações dirigidas a tão variadas gentes (médicos, banqueiros, operários, cineastas, noivos, raparigas, universitários, enfermeiras, comerciantes, economistas, sem falar nas encíclicas que definem a doutrina interessando igualmente a todas as pessoas). Talvez nunca o poder de magistério tenha sido exercido de forma tao lata e tao intensa ao longo da história da Igreja.

Difícil é distinguir quanto o próprio governo da Igreja tem beneficiado com a doutrina tao claramente desenvolvida e com um Papa tao extraordinário. Quanto ao poder de santificação, esse é evidente que o Papa o realiza em plenitude : o Senhor faz prosperar a obra das suas mãos e a boca fala da abundância do coração.

Mas ao Bom Pastor não chega conhecer as suas ovelhas.



Fica-lhe na alma a angústia de todas as outras. Aquelas que ninguém governa e aquelas que se afastaram por caminhos errados. E parte à procura da ovelha que se perdeu; e por ela deixa todo o rebanho, porque há mais alegria no Céu por um pecador arrependido do que por 99 justos. Também o Santo Padre vive a angústia das almas que estão fora da Igreja. Aquelas que vivem os grandes erros doutrínarios do nosso tempo. Aquelas que vivem toda a miséria, toda a loucura do nosso tempo. E também aquelas que vivem a mediocridade, a vida fácil do nosso tempo. (Quais seremos nós?)

Repetidas vezes o Santo Padre tem definido a doutrina da Igreja para esclarecer as almas de boa vontade. E um dos seus principais objectivos é, sem dúvida, a unidade da Igreja. Celebrámos ainda há poucas semanas o oitavário pela unidade da Igreja. A oração que então subiu até Deus de toda a Igreja não correspondeu a um desejo vago, mas sim a uma tendência que se vem acentuando e que o Santo Padre não tem feito senão desenvolver.

Vocação pessoal de amor, missão social de mediação e de unidade, assim encontramos em plenitude a figura do soberano Pontífice.

Mas o sacerdote (e mais o Sumo Sacerdote) toma sobre si os pecados de muitos... ele está intimamente solidarizado com o seu povo. E o povo com ele? É o povo cristão digno do Chefe que tem? Não basta render louvores ao Chefe da Igreja. Não basta aclamá-lo na praça pública nem reconhecer com o consenso geral que é uma figura extraordinária. Não basta seguir e meditar na grandeza da sua missão e nas maravilhas que o Senhor nele fez. É precisa, porque o pede a lógica, uma atitude mais definida da parte dos cristãos. Essa atitude assenta, antes de mais, numa união efectiva com a Igreja e com o Papa. Não há apostolado autêntico se não for realizado em comunhão com todo o Corpo Místico. Por isso é vão e ineficaz todo o trabalho daqueles que querem fazer obra sua, que, por causa da vaidade humana, querem sempre pôr assinatura em tudo e não têm a coragem de dar anonimamente, gratuitamente, o que lhes é pedido. Por isso é vão, ineficaz e sacrilégio todo o poder que na Igreja se emancipa do poder supremo que reside no Papa. Se olharmos à nossa volta, vemos como é fácil o homem tornar-se de instrumento em senhor absoluto. Tentação do orgulho que vem desde os primeiros tempos da história humana. Cristãos que se emancipam da jurisdição do pároco, que fazem apostolado e tratam das coisas da Igreja por sua conta, sacerdotes que criticam a acção do Bispo, Bispos que não aceitam a soberania do Papa. Onde está aí o cristianismo? Homens de pouca fé que só acreditam naquilo que vêem, que só obedecem quando estão de acordo, que só se dão quando o seu nome vem nos jornais.

O Papa e a união com ele são para nós, cristãos leigos e sacerdotes, um apelo constante ao nosso destino último de criaturas, que não tem outro sentido, nem outra justificação, senão o de prolongarmos até ao fim dos tempos o acto de obediência, de submissão total do Filho ao Pai. Temos um mandato expresso: "O meu alimento é fazer a vontade de Meu Pai que está nos Céus". Não pode ser



outro também o nosso destino. E fazer a vontade do Pai não é só tender mais ou menos vagamente para um modelo que nós definimos a nosso bel-prazer ; é sobretudo penetrar a vontade de Deus expressa nos acontecimentos quotidianos e nas orientações da Hierarquia que recebeu o poder de nos ensinar, governar e santificar.

Mas não é suficiente o desejo de unidade com o Papa. Como podemos estar unidos com quem não conhecemos ? Que sabemos nós do pensamento da Igreja e das orientações do Papa que o traduzem na nossa época para todos e para cada um de nós ? Sabemos nós por acaso que o Santo Padre insiste cada vez mais na necessidade duma vida cristã autêntica ? Sabemos que em 10 de Junho de 1955, falando aos membros do IV Congresso Mundial do Petróleo, o Papa disse que "ninguém tem o direito de se isolar na especialização técnica ou nos ofícios administrativos", isto é, ninguém tem o direito de se fechar exclusivamente no exercício tranquilo da sua profissão ? Sabemos que, em 11 de Novembro de 1954, aos operários de Barcelona disse "que a Igreja deseja que todos os que trabalham possam viver uma vida verdadeiramente humana para em seguida poderem viver uma vida cristã, sem que o excesso de preocupações terrenas os impeça de voltar os seus olhos para o céu ; mas que a Igreja deseja também que toda a melhoria de ordem material tenha por base prévia uma elevação intelectual e moral, porque o homem não vive somente de pão e porque está escrito : procurai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça, e o resto ser-vos-á dado por acréscimo" ? Sabemos que, no encerramento do Ano Mariano (28 de Novembro de 1954) pediu "frutos duradouros do Ano Mariano e, em particular, que todas as noites, quando terminam os trabalhos do dia, os pais e as mães de família se encontrem com os seus filhos no grupo familiar, que se ponham de joelhos diante da imagem da Bem-aventurada Virgem Maria e que recitem o terço com piedade" ? Sabemos que, no discurso à JCF da AC de Itália, na inauguração da "Domus Mariae", disse que "é preciso obedecer sem discutir, generosamente, com pressa, porque não há um dia, não há um minuto a perder nesta hora que é a hora da acção, duma acção das mais urgentes" ?

Aliás, é da sabedoria da Igreja que não há vida interior autêntica quando se não conhece profundamente a doutrina da Igreja relativa a todos os aspectos da nossa vida humana e social. Erram muitos porque não sabem, mas não são menos culpados pela ignorância. Pois como podemos encontrar o Caminho e viver a Vida, se não conhecermos a Verdade ? E se é certo que tudo se resume a dizer que Deus é Pai e que Cristo, Seu Filho, ressuscitou, não é menos certo que dizê-lo só exprime uma atitude profundamente cristã quando soubermos como se traduz em cada momento da nossa vida. Jesus Cristo e a Ressurreição não são factos históricos encerrados para sempre e que relembramos com a mesma vaga admiração com que falamos do século de Péricles ou dos esplendores do Império Romano ou da epopeia dos Descobrimientos. Jesus Cristo e a Ressurreição são factos actuais, de hoje. É hoje que Jesus Cristo é crucificado pelos nossos pecados e pela nossa ignorância. É hoje que Ele ressuscita. É na nossa vida concreta, localizada em determinado tempo e em determinado espaço, que a Redenção se opera. Temos de conhecer o que significa a







vida cristã e de conhecer a sua doutrina teológica e moral até às últimas consequências.

A nossa união com o Papa, porque se nutre do pensamento da Igreja, tem de traduzir-se em vida. E não só vida pessoal, nas relações íntimas com Deus, mas vida social também. Para a Igreja una, universal, apostólica, só tem sentido um esforço que se oriente nesses três sentidos. Que nos será pedido a nós que vivemos na sociedade dos homens? Quando pedimos no Pai Nosso que o Reino de Deus venha, estamos a pedir a salvação das almas, estamos a insistir numa realidade que é essencialmente sobrenatural. Mas referimo-nos também a um Reino que há-de começar já neste mundo porque é constituído não por puros espíritos mas por homens. É nossa missão, pois, rezar pelo advento desse Reino e trabalhar para o instaurar na terra. Sendo a Igreja a única sociedade perfeita, devemos tentar construir toda a vida social à semelhança da Igreja. Isto é, prolongar a Igreja até às últimas estruturas, não para as tornar politicamente dependentes, mas para as tornar moralmente solidárias. Fazer cristandade, construir a Igreja, é essencialmente isso na ordem social.

O mundo espera do cristianismo o bem social. E tem razão em esperá-lo. Vivemos por demais amarrados a uma filosofia do fracasso com que desculpamos a nossa mediocridade e a nossa incapacidade quase total de realizarmos coisas na ordem cultural e social. Não é de falhados resignados, pregando uma teoria abstracta, que o mundo precisa. O mundo anseia por santos que sejam também humanamente eficazes, que construam a cidade terrestre à semelhança da Casa de Deus, que tornem humana a vida dos homens, que possibilitem a salvação por uma ordem social justa, equilibrada, sã, comunitária.

A eficácia do cristianismo não decorre unicamente duma boa organização das estruturas humanas, embora, como é evidente, dela dependa também. A única garantia do seu êxito está na medida da santidade da sua vivência. Por isso realizar na nossa época, em cada época, o pensamento da Igreja e do seu Pastor Supremo, é antes de tudo ser santo. Todos os dias recitamos o Credo e dizemos "creio na vida eterna". E sempre a vida eterna nos aparece como um futuro longínquo que só muito vagamente a nós diz respeito, antecedido pela grande aventura da morte. Ora a vida eterna não começa no momento em que deixamos a terra. A vida eterna começa, para cada cristão, com o Baptismo. São claras as expressões do Evangelho a este respeito: "Quem ouve a Minha palavra e crê naquele que Me enviou, tem a vida eterna e não incorre no juízo, mas passou da morte para a vida." "O que come a minha Carne e bebe o meu Sangue, tem a vida eterna".

É agora já que vivemos a vida eterna, embora ainda profundamente mergulhados no tempo, sentindo a angústia dos limites. Daí nos vêm as antinomias que nos caracterizam, o desejo de nos ultrapassarmos.





E, se vivemos a vida eterna, então que sentido tem a nossa vida? Temos de referir-nos a outras escalas, de definir o que verdadeiramente importa. Ganham novo colorido e mais rico as coisas essenciais da vida e aparecem ridículas, mesquinhas, muitas das nossas preocupações e actividades. Mergulhados já na vida eterna, como arranjamos coragem para perdermos tempo ou arranjarmos distrações para passar o tempo, quando ele exige de nós o testemunho e a presença em cada instante? Como temos então coragem para continuarmos a aferir a nossa vida pelas regras do mundo, quando uma só coisa conta: "de que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se com isso vier a perder a sua alma?".

Será essa perspectiva de eternidade, intangível mas real, que levará todos os cristãos, padres e leigos, a definirem a essência da sua acção ao serviço da Igreja. O padre não pode esquecer que é, antes de tudo, o dispensador dos mistérios de Deus. E que nada, nenhuma tarefa, nem a boa organização da sua paróquia, o pode desviar desse caminho fundamental. Num inquérito recente, realizado em França, a várias famílias católicas, sobre o que esperavam do padre, todas são unânimes em dizer que esperam dele aquilo que só ele pode fazer: transmitir a palavra, os bens de Deus. Aí é que o padre é totalmente insubstituível, é portanto aí que ele não pode falhar. As outras tarefas hão-de completá-las e realizá-las os leigos, pois também eles são a Igreja e podem realizar, em união com a Hierarquia, as tarefas que não derivam intrinsecamente do poder de ordem (É esta até uma tendência dos nossos dias, em que ressurgem um costume dos primeiros cristãos - confiar aos leigos ou, pelo menos, a certos leigos, algumas das missões da Igreja no mundo). Mas urge que os leigos estejam preparados e que generosamente trabalhem de facto ao serviço da Igreja, em inteira união com o Papa.

É difícil, sem dúvida. Mas aí o próprio Papa é para nós um exemplo. Homem de oração, homem de trabalho, homem do seu tempo. A cada passo, o Papa recomenda instantaneamente a oração como fonte de vida, como condição essencial de realização e de eficácia. "Como poderá portanto o crente separar em si religião e vida, sem dividir mortalmente o próprio ser e sem transformar, como insensato, a obra de Deus? Seja portanto viva a vossa fé, quer dizer, seja ardente e vivida, de modo que a religião dirija a vida, e a vida se torne contínuo acto de religião. Na verdade, quanto mais profundamente está o cristão radicado na fé, tanto mais prontamente cumpre os deveres que a vida lhe impõe, e tanto mais eficazmente opera, quando deve desempenhar os altos cargos e obrigações de promover o bem social, a ordem pública e a pacífica convivência dos povos" (Mensagem pascal de 1955). Vive, ele próprio, as exigências profundas duma vida cristã que radica na oração. Homem de trabalho, o Papa é aquele que trabalha, pelo menos, 13 horas por dia em trabalho intelectual, que é o mais duro e esgotante de todos os trabalhos. Homem do seu tempo, com o dinamismo, a actualidade de alguém que não se separa dos outros homens mas com eles vive o mistério da existência. Alguém que está profundamente comprometido no seu tempo e dele participa



tomando sobre si as dores e os problemas de todos os homens.

Por isso nós podemos dizer com a Igreja universal no Gradual da Missa do aniversário da sua coroação :

"Exaltai-o na assembleia dos justos, louvai-o na cadeira dos anciãos. Publicai as misericórdias do Senhor e anunciai as Suas maravilhas aos filhos dos homens".

*Maria de Lourdes Pintasilgo*

Fundação Cuidar o Futuro

